



SOLTEIROS  
FUTEBOL  
CLUBE

# *Na Trave*

**FANNY LADEIRA**

# Contents

[Na Trave](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Agradecimentos](#)

[Amotra - Treino Tático](#)

[Sobre a Autora](#)

# Na Trave

- Solteiros Futebol Clube -

Livro 1

Para os meus pais,  
ignorem todas as cenas de beijos desses livros.

"Não posso fixar uma hora ou um lugar, ou o modo, ou as palavras, que estabeleceram a fundação.

Eu estava no meio quando eu soube que tinha começado."

*Jane Austen, Orgulho e Preconceito*

## Capítulo 1

*03 de janeiro*

Parado perto da trave, Gabriel olhava com satisfação o time que começava a partida da noite.

Era terça-feira, dia do futebol! Depois de várias tentativas frustradas durante dois anos, ele finalmente havia conseguido formar uma turma ponta firme para jogar todas as semanas.

Desde pequeno, Gabriel jogava nos times das escolas, clubes e não recusava nenhuma pelada de rua, mesmo com a sua mãe ficando louca, mas ele nunca pensou em ser profissional, só gostava de jogar.

Quando a idade adulta chegou, ele se pegou sentindo muita falta disso. De juntar um monte de gente e simplesmente jogar futebol.

Não era o melhor campo, mas tinha a estrutura que eles precisavam, era relativamente no centro da cidade e era o dia ideal para a maioria. Eles também não formavam o melhor time do mundo, mas eram consistentes.

Ainda assim, quando ele mandou a mensagem para a rapaziada dizendo que independente do ano novo ter acontecido há dois dias, o futebol estava de pé, muitos estavam de férias.

Era um clichê, mas eles eram divididos entre os casados, compromissados e afins e os solteiros, e ele estava do lado dos solteiros.

Com 32 anos, Gabriel Santos se orgulhava de ter tido poucas namoradas pelo caminho, mas muitas históricas.

Desfalcados, eles tiveram que improvisar, já que do seu lado estava faltando várias pessoas, como o Cesar e os irmãos Marques, mas deu para formar dois

times pequenos.

Cesar era pai e estava de férias com a filha pequena dele. Assim como os três irmãos Marques, incluindo Diego, seu sócio no estúdio de fotografia. Serem amigos e sócios, significava que possivelmente eles nunca mais tirariam férias juntos na vida.

De todo o time, ele era amigo antigo dos irmãos, Diego, Danilo e Daniel, e tinha estudado com o Cesar. E os outros foram chegando pelas conexões. Um desses era o Cauã, que veio convidado por alguém em uma semana e nunca mais faltou.

Ele até ficou surpreso de vê-lo chegando hoje, afinal, já sabia que o seu carro tinha quebrado voltando do interior no ano novo.

Depois de cumprimenta-lo, Cauã explicou:

— Por pouco eu não vinha mesmo, mas convenci minha irmã a me deixar aqui e me buscar quando terminar. Vai demorar pelo menos umas duas semanas para o carro ficar pronto.

Gabriel gostava disso nele.

Para falar sério, Gabriel tinha um carinho especial pelo time inteiro. Algumas rotinas eram mais loucas que as outras, como a de Saulo, que faltava a cada 15 dias por conta do seu turno como bombeiro, mas ele percebia que todos faziam um esforço e concessões para estarem todas as terças.

Sua posição no time era goleiro, e mesmo com a turma reduzida, ele sentiu que tinha valido a pena reunir quem estava disponível.

Estava no horário de verão, mas às 20:00 o sol já havia baixado e eles aproveitavam um pouco de vento que batia no campo agora, para dar conta do calor.

Gabriel não era um dos melhores goleiros, mas aproveitava a falta de entrosamento do outro time para conseguir pegar todas as bolas que bateram

do seu lado.

Na outra extremidade do campo, Felipinho balançou a rede várias vezes, recebendo as assistências de Cauã, que parecia inspirado.

O campo, era rodeado por uma pista de atletismo, e ele não conseguiu evitar de olhar para o grupo de mulheres que passava. Elas também o olhavam, e ele distribuiu alguns sorrisos.

Na escola, Gabriel tinha vergonha do seu rosto, seu cabelo que não definia entre o encaracolado e o liso, mas se orgulhava dos seus olhos azuis, única herança da mãe.

À medida que a idade foi chegando, Gabriel, percebeu que seu rosto mais quadrado, o jeito certo de sorrir e de olhar e o cabelo mais batido, agradava as meninas, e foi o suficiente para conseguir a confiança necessária.

Quando o futebol terminou, eles tiraram uma foto comemorativa e se prepararam para ir embora.

Com a mochila nas costas, ele ia em direção ao estacionamento que ficava na porta do complexo, escutando algumas histórias do Arthur.

\_\_\_ Eu sentia que ela me queria, sabe cara? – ele continuava – Me olhando de cima a baixo dentro da igreja. Mas como eu poderia fazer alguma coisa com a minha mãe de um lado e a Ciça do outro?

\_\_ Então você não fez nada? – Gabriel perguntou rindo – Você deixou essa mulher linda, maravilhosa como você falou, ir embora para casa sem nem pegar o número dela?

\_\_ Sim. – Arthur respondeu desolado.

Ele estava rindo, descontraído, quando uma cena fez o seu sorriso morrer e a sua raiva subir instantaneamente. Um carro deu ré e bateu em uma moto. Ou melhor, na *sua* moto, que caiu no chão em câmera lenta, fazendo um barulho ensurdecedor.



## Capítulo 2

\_\_ Droga! Droga! Droga!

Bruna não tinha visto no que o carro bateu, mas escutou o barulho e sem mesmo ter descido do carro, já sabia de quem era a culpa.

Desligando o carro depressa, ela desceu correndo, com o coração na boca. Foi para a traseira do carro e soltou alguns palavrões ao ver que era uma daquelas motos grandes. E caras.

Sem saber o que fazer, ela se abaixou para erguê-la do chão.

\_\_ Não!

O grito a assustou e ela parou em meio ao movimento, com as mãos esticadas. Indo na direção do grito, viu um cara se aproximando depressa.

Com certeza, o dono. E ele estava furioso.

*Droga!*

Ele continuou:

\_\_ Melhor deixar eu olhar antes que você quebre mais alguma coisa.

Abaixando, ele falou agora com um misto de raiva, nervosismo e dor na voz:

\_\_ O que você fez? Que porcaria que você fez?

\_\_ Desculpa – ela falou para ele, que agora estava passando a mão pela lateral da moto que beijara o chão, como se tentasse saber o que havia quebrado pelo toque. – Eu não vi a moto parada.

O rapaz segurou e levantou um pouco a moto, e quando aparentemente nenhuma peça ou parte cairia, ele terminou de subir nela.

\_\_ Desculpa? Você tem noção do que esse estrago pode ter causado? – perguntou rispidamente ainda olhando a moto. – Pode ter acabado com ela.

Ela não entendia de motocicletas, mas podia ver que o estrago tinha sido o suficiente para dar adeus às suas economias. E talvez até mais do que isso.

Bruna estava sem palavras. Se tivesse que pagar uma moto inteira como essa teria que assaltar um banco. Além disso, ela já tinha pedido desculpas e não sabia o que mais podia dizer sem piorar ainda mais a situação.

Por sorte, foi nesse momento que seu irmão Cauã chegou correndo, com um assustado Arthur atrás dele.

\_\_ O que aconteceu? – Cauã perguntou preocupado. – Você está bem?

\_\_ Sim, eu estou bem é a moto que ....

Ele olhou desolado para a motocicleta e de volta para ela.

\_\_ De todas as motos que você poderia derrubar.... – ele suspirou.

\_\_ Ele joga bola com você?

\_\_ Sim, é o Gabriel Santos.

Gabriel.

Escutando o seu nome, ela virou para a força-tarefa que Gabriel e Arthur faziam agora, encostando a moto no muro mais perto. Depois de se certificar de que ela não cairia novamente, Gabriel voltou para eles, deixando o amigo analisar o estrago.

\_\_ Nossa, tá bem ralada. – Arthur alto falou para eles escutarem. – Isso não vai ficar barato.

Vendo que o humor de Gabriel havia piorando ainda mais, Bruna soltou um suspiro. Não era assim que ela queria que essa noite terminasse.

Na verdade, não era assim que ela queria que o ano começasse. Não era nem o quarto dia do ano, e ela já estava em uma confusão que tinha o potencial de acabar com o resto dele.

Sem saber o que fazer, e com o silêncio de Gabriel, resolveu ser prática:

\_\_\_ Bom, como disse, peço desculpas mesmo. Hoje não tem muita coisa que eu possa fazer, mas amanhã posso te acompanhar até seu mecânico e o que tiver de prejuízo eu pago. Não importa o valor.

Gabriel passou a mão no cabelo curto preto e Bruna tentou lembrar as histórias e saber se esse era o Gabriel de quem seu irmão falava. Ela tinha ouvido sobre as saídas, mulheres e mais mulheres. Não que o Cauã fosse muito melhor, mas Gabriel parecia deixar todo mundo no chinelo.

Bruna poderia até entender o porquê do sucesso... Se ela não tivesse acabado de detonar a moto dele, e se ele não fosse possivelmente o cara mais mulherengo do mundo...

\_\_\_ Você a conhece? – ele perguntou para Cauã.

\_\_\_ Sim cara, é a minha irmã Bruna. Ela não vai fugir.

Mesmo sem conhece-lo, ela percebeu que esse discurso breve, mas resoluto, o deixou um pouco mais calmo.

Desde que começou a jogar futebol com uma turma fixa, Cauã tinha se enchido de amigos no clube e tinha criado o seu próprio grupinho. O que era normal entre eles. Com uma diferença de 5 anos de idade, Bruna sempre foi a irmã caçula e só conhecia os amigos mais próximos dele.

Ela conhecia o Arthur porque ele vivia saindo junto com Cauã para baladas e barzinhos, e depois de um ano e meio, os dois haviam se tornado bons

amigos.

Ainda olhando para Bruna, Gabriel pegou o telefone e ligou para alguém que deveria ser o seu mecânico. Cauã também aproveitou esse momento para ligar para casa, e Bruna fez sinal de que não queria falar com ninguém naquele momento, prestando atenção na conversa de Gabriel.

Foi uma conversa de 5 minutos, recheada de termos técnicos e desabafos sobre a confusão causada.

Quando finalmente terminou, ele comunicou o que seria feito:

\_\_\_ O Paulo virá pegar a moto. Ele vai avaliar e depois eu entro em contato.

\_\_\_ Eu gostaria de acompanhar quando ele for passar o orçamento.

Gabriel deu de ombros:

\_\_\_ Como quiser. Vocês podem ir embora.

\_\_\_ Não quer que a gente espere o guincho? Uma carona? – perguntou Cauã ao seu lado.

\_\_\_ Não adianta ficar todo mundo aqui esperando. Eu vou embora com o Arthur. Certo?

\_\_\_ Claro, cara. – disse Arthur, que parecia mais abalado que Gabriel pela moto. – Eu te dou uma carona, sem problema.



Bruna não estava com cabeça para dirigir, então Cauã assumiu o volante. Eles entraram quietos no carro, e somente quando tinham passado do segundo farol, Cauã falou:

\_\_\_ Sério, não tinha uma pessoa pior para você ter derrubado a moto.

\_\_\_ Não foi de propósito. – Ela respondeu um pouco ríspida. Já estava

começando a ficar brava com Cauã também. – Eu simplesmente não vi a moto e agora vou arcar com isso.

\_\_\_ Arcar? Você sabe que uma moto daquelas custa sei lá, uns 30 mil reais?

\_\_\_ Eu sei! – Ela respondeu frustrada, e outro pensamento lhe ocorreu. – Corre o risco de ele te expulsar da equipe por conta disso?

\_\_\_ Não. – Cauã falou despreocupado. – Mas eu vou te passar o número dele e amanhã você trate de resolver isso rápido. Ele é superlegal, mas ama aquela moto.

Bruna teve que recontar a história para seus pais, que culparam o seu cronograma corrido pela falta de atenção, antes de finalmente conseguir tomar um banho e deitar na cama.

O dia tinha sido sim estressante e corrido, mas agora ela sabia que quarta-feira seria ainda pior.

Antes de pegar no sono seu telefone apitou com uma mensagem do seu irmão com o número do Gabriel.

Ela o adicionou nos contatos e mandou uma mensagem.

*"Aqui é a Bruna. Me avisa depois o horário do seu mecânico."*

Ele respondeu imediatamente:

*"Amanhã às 14h. Tudo bem pra vc?"*

*"Eu me ajeto. Me manda a localização depois para que eu possa chegar."*

*"Ok."*

A interação tinha sido fria e, mesmo caindo de sono, Bruna não queria deixar assim. Tentando suavizar o clima, ela acrescentou:

*"Boa noite."*

Gabriel respondeu com um "boa noite" e ela dormiu um pouco mais tranquila.